

Série
**Comunicação
e Educação**



Volume 6



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

RUI COSTA - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

JERÔNIMO RODRIGUES - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

ALESSANDRO FERNANDES DE SANTANA - REITOR

MAURÍCIO SANTANA MOREAU - VICE-REITOR

DIRETORA DA EDITUS

Rita Virginia Alves Santos Argollo

Conselho Editorial:

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente

Alexandra Marselha Siqueira Pitolli

Andréa de Azevedo Morégula

Carlos Pereira Neto

Dejeane de Oliveira Silva

Elson Cedro Mira

Iracildo Silva Santos

Luciana Sedano de Souza

Lurdes Bertol Rocha

Maria Cristina Rangel

Maria Luiza Silva Santos

Maurício Santana Moreau

Raquel da Silva Ortega

Sabrina Nascimento

Série Comunicação e Educação

Adilson Citelli
Ana Luisa Zaniboni Gomes
organizadores

Volume 6

Novas travessias e desafios em
Comunicação e Educação

Ilhéus - Bahia


Editora da UESC

2021

©2021 by ADILSON CITELLI
ANA LUISA ZANIBONI GOMES
(ORGANIZADORES)

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

PROJETO GRÁFICO E CAPA

Alencar Júnior

DIAGRAMAÇÃO

Sabrina Nascimento

REVISÃO

Roberto Santos de Carvalho
Tikinet Edição LTDA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N936 Novas travessias e desafios em Comunicação e
Educação / Adilson Citelli, Ana Luisa Zaniboni
Gomes (orgs.). – Ilhéus, BA: Editus, 2021.
299 p. : il. – (Comunicação e Educação; v.6).

Inclui referências.
ISBN: 978-65-86213-34-8

1. Comunicação e educação – Brasil. 2. Educação
– Estudo e ensino. 3. Comunicação multimídia. 4.
Comunicação de massa – Aspectos sociais. I. Citelli,
Adilson. II. Gomes, Ana Luisa Z.

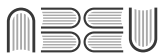
CDD 302.02

Elaborado por Quele Pinheiro Valença – CRB- 5/1533

EDITUS - EDITORA DA UESC

Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028
www.uesc.br/editora
editus@uesc.br

EDITORA FILIADA À



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

SUMÁRIO

Apresentação | 9

PARTE I PERSPECTIVAS, COMPETÊNCIAS E APRENDIZAGENS

Aberto para balanço: contribuições do grupo de pesquisa Comunicação e Educação da Intercom ao cenário acadêmico nacional Ana Luisa Zaniboni Gomes Eliana Nagamini Rose Mara Pinheiro	17
Educomunicação e os pilares da educação para o século XXI: aprender a conhecer, a fazer, a conviver, a ser em comunicação Helena Corazza	31
Contribuições da pedagogia dos multiletramentos para a educomunicação Maria do Carmo Souza de Almeida	45
José Luiz Braga: contribuições para a relação comunicação/educação Rose Mara Pinheiro	59
Letramento político digital: antecedentes, processos e dimensões Michel Carvalho da Silva	71
Jornalismo participativo e alfabetização midiática e informacional como instâncias de mediação Matheus Cestari Cunha	85

PARTE II
CONTEXTOS, NARRATIVAS E PRÁTICAS

Educomunicação, memória e pós-graduação: uma investigação em movimento Diva Souza Silva Christiane Pitanga Serafim Silva	101
A educação das maiorias: a educomunicação e a escola pública de qualidade Edilane Carvalho Teles Elis Rejane Santana Silva	113
Educomunicação & criatividade: a ação política em sala de aula Filomena Maria Avelina Bomfim Marcelo Maurício Miranda	127
Comunicação e Educação socioambiental na perspectiva dos interesses Sandra Pereira Falcão	141
Mídias digitais, referências musicais dos alunos e o espaço da educação: deslocamentos Rogério Pelizzari de Andrade	155
Para pensar elementos da análise de discurso na checagem jornalística Claudia Maria Moraes Bredarioli	169

PARTE III
TÉCNICAS, TECNOLOGIAS E MUNDO DIGITAL

Uma reflexão sobre as relações entre os jovens e as tecnologias Patrícia Oliveira de Freitas Sérgio Luiz Alves da Rocha	185
Entre a experiência e o acontecimento: algoritmos e o novo <i>sensorium</i> nas práticas de educomunicação Douglas de Oliveira Calixto	199
A educomunicação como meio de aproximação entre a escola e o mundo midiaticizado Wellington Nardes	213
A virgindade no Youtube: mapeamento das diferentes narrativas difundidas por celebridades digitais Gabriella Garcia Sanches Feola Laiara Alonso	225
A prática docente e as mídias digitais: o cotidiano escolar apresentado por educadores de uma escola estadual na região metropolitana do Rio de Janeiro Leandro Marlon Barbosa Assis Alexandre Farbiarz	239
Vence o jogo quem se liga com o mundo: as crianças na interação entre a realidade e o virtual Cláudio Márcio Magalhães Jéssica Cristina Santos Luan Silva Guedes Pinto Michel Alexander Siqueira Silva Thais Lohane Lima Cury Wellington Rodrigues Sila	253
TV universitária e ciberaprendizagem: experiências estudantis na <i>web</i> Rita Virginia Argollo Betânia Maria Vilas Boas Barreto	269
A utilização do smartphone no processo de ensino-aprendizagem Antonia Zeneide Rodrigues	285

Tornou-se um truísmo dizer que a vida contemporânea está marcada por mudanças profundas e extensas. Certamente tais qualificativos precisam ser pensados com relação ao próprio desenvolvimento científico, haja vista o significado das inovações e transformações geradas por teorias, sistemas e processos – à maneira do heliocentrismo, da mecânica newtoniana, da relatividade einsteiniana, do vapor, da eletricidade, do jato, da conquista espacial, da telemática etc. – segundo os diferentes momentos históricos e as inter-relações entre eles. Tal premissa se faz acompanhar pela ideia segundo a qual passamos, agora, por mutações de largo alcance, que incidem em quebra de paradigma¹. A prova avocada com maior evidência para esclarecer o argumento assevera que os velhos modelos organizadores da sociedade industrial, em vigência intensa até os meados do século XX, estão se esgarçando, enquanto assistimos à ascensão de novas estruturas econômicas, sociais, políticas, calcadas na digitalização, nos dispositivos informático-midiáticos e nos algoritmos. As consequências de tal deslocamento paradigmático são

¹ O conceito de paradigma em Thomas Kuhn tem nuances e visagens críticas cujo detalhamento não cabe ser considerado neste momento. Basta lembrar, contudo, que se está a falar de suposições teóricas amplas, seguidas de leis e técnicas para a sua comprovação e eventual implementação. Os paradigmas orientam grupos de pesquisa, dando a eles unidade epistêmica, metodológica e, até mesmo, prática. Tal unidade é, muitas vezes, quebrada por crises de diversas ordens que atravessam o campo científico, motivo pelo qual ela pode ser abandonada, dando lugar a um novo paradigma. As revoluções científicas possuem grandes ou pequenos alcances, mas incidem, de uma ou outra maneira na própria dinâmica da vida social. O quadro presente registra uma linha de força de grande alcance, aquela correspondente ao advento e mesmo domínio das tecnologias digitais.

percebidas em níveis diversos: institucionais, organizacionais, produtivos e mesmo no cotidiano material e afetivo das pessoas.

Utilizamos verbos que oscilam entre o já dado e o possível, haja vista a singularidade regente da “situação de passagem” – com as suas tensões, cruzamentos, fertilizações – de um ambiente sociotécnico fragilizado para outro em pleno fortalecimento e clara dominância. As manifestações deste circuito, com os seus vetores disfuncionais, convergem para a figura de Janus: um mesmo corpo com duas faces. Uma delas olha para certa ruína na qual se atropelam o carro de boi, os pistões de automóveis, o torno mecânico, as fontes de energia de origem fóssil. A outra mira o devir – cronotopo muitas vezes idealizado, no qual convivem a inteligência artificial, a economia 4.0², os sofisticados modelos de celulares – e o desejo – não raro fracassado, sobretudo no mundo periférico – de acessar as inúmeras maravilhas prometidas pela indústria da informática. Enfim, há os grupos conectados à internet, com acesso aos dispositivos comunicacionais de última geração, arranjados na novilíngua dos iPhones e apps – variando tal adesão por níveis e graus, a depender da estratificação econômica e cultural, dos consumidores – e outros grupos situados à margem da chamada economia/sociedade digital ou com precário acesso a ela.

O quadro é intrincado e nutrido por matizes e cruzamentos que podem não ser plenamente atendidos pelas metáforas acima utilizadas. Elas servem, contudo, para localizar a referida “passagem” no interior de um movimento estrutural, “tectônico”, cujo parâmetro pouca relação possui com as conjunturas particulares – por exemplo, as crises cíclicas que marcam oscilações no terreno financeiro, a exemplo do desastre ocorrido em 2007-

2 O termo é utilizado com o intuito de mostrar as novas formas de circulação do capital, agora ancoradas centralmente no sofisticado gerenciamento de informações, na automação da produção industrial, na baixa utilização de mão de obra humana e na otimização dos lucros – o path to profitability (caminho para lucratividade). Em linhas gerais, a rota articuladora do capital segue a expansão comercial entre os séculos XIV e XV; os desdobramentos industrializantes dos séculos XVIII e XIX; as inovações do século XX, com a corrida espacial, os computadores, a comunicação via satélite, a internet. A nossa quadra histórica estaria marcada por uma nova “revolução industrial”, em sua versão 4.0, cujo epicentro é a larga digitalização trazida pelos ecossistemas comunicacionais e científicos. Importa notar, contudo, que, para além da retórica de administradores, economistas, futurólogos, com as suas conexões do marketing ao jurídico, estamos falando de mudanças reais e profundas em marcha planetária.

2008, no chamado colapso do *subprime*, e suas repercussões dentro e fora dos Estados Unidos da América –, pois não se trata de superação abrupta, etapa, salto mecânico, binômio, ou qualquer outra variação apoiada em perspectiva dualista, mas da compreensão de fenômeno tecnocientífico, cultural, socioeconômico, em que certas estruturas vão sendo transformadas por outras e ganhando dominância ao ponto de expressar a constituição de um novo paradigma.

Considerando o “estado de passagem”, poderíamos prognosticar residir nele um “estado de permanência”, vale dizer, a instabilidade só admitindo a fixidez e regularidade por tempo curto, aquele suficiente para absorver os novos padrões tecnológicos e os sistemas de comunicação, segundo ditames e possibilidades de absorção pelos mercados e o conjunto da sociedade. Aliás, tal dinâmica, malgrado as circunstâncias da nossa época, já havia sido apreendida por Marx e Engels e exposta na célebre assertiva do *Manifesto Comunista*, de 1848, de que tudo o que é sólido desmancha no ar; ou, nos anos recentes, pela crítica de Zygmunt Bauman à ideia da liquefação social.

Sérgio Abranches levanta a hipótese da existência de uma grande transição presidindo o século XXI, cifrada por fraturas internas permanentes, com as suas tensões, sinergias, cruzamentos:

As interações entre os diferentes subsistemas, em cada dimensão, também contribuem decisivamente para essa dinâmica de grande transformação. A sociedade em rede, por exemplo, abre novos canais para desaguar os desequilíbrios políticos causados pelas transformações sociais e econômicas. O avanço das tecnologias de imagem digital e microscópica propicia saltos no desenvolvimento da nanociência e da neurociência. O progresso científico e tecnológico na saúde e na nutrição contribui para alterar profundamente a demografia global. A transição climática cria pressões urgentes para o desenvolvimento de práticas sociais e políticas e de adoção de tecnologias para a adaptação das sociedades ao aumento da frequência e da força dos eventos extremos, influenciando o rumo da transição social, econômica, política, científica e tecnológica. Essas outras dimensões da grande transição, ao responderem aos desafios da mudança climática, também afetarão seu curso a longo prazo, dado que suas causas decorrem diretamente da ação humana. Os novos padrões de organização e mobilidade urbana, em cidades inteligentes e conectadas, terão profundo impacto no funcionamento das democracias (ABRANCHES, 2017, p. 60).

A reflexão tem muito de exercício prospectivo, porém revela alguns tópicos já incorporados ao cotidiano, outros de emersão no curto prazo, havendo aqueles cuja possível vigência dependerá de circunstâncias

econômicas, técnicas e políticas ainda não muito claras. De toda sorte, há um ponto recorrente em nossas observações: existe amplo rearranjo nos sistemas tecnotecnológicos e comunicacionais, com repercussões e retroalimentações, quer nas andanças do capital quer nas maneiras de os sujeitos serem e estarem no mundo. Insistimos neste último ponto por estar ele vinculado diretamente ao tema do livro que ora se apresenta e pertinente às interfaces comunicação-educação.

As transformações ocorridas nas tecnologias comunicacionais trouxeram consigo, além da crise em determinados modelos de ensino-aprendizagem, também perguntas sobre a formação dos jovens estudantes no tangente às questões de cidadania e democracia. As mídias digitais e os dispositivos locativos sugerem funcionar como uma espécie de escola paralela, com força no andamento da vida social, comportamental, cultural, dos discentes e docentes. Os sujeitos que circulam pelas unidades educativas estão envolvidos por redes sociais em processos interativos de largo alcance, malgrado nem sempre cumprindo papel relevante. Haveria, aí, para uns, o fim de um problema, o da ampliação das potencialidades pedagógicas e para outros, caso de Zygmunt Bauman, o surgimento de uma armadilha pronta a exercitar estratégias, como as do viés de confirmação – falamos para o interior de nossas tribos e dispostos a ouvir apenas o que circula dentro delas, evitando, portanto, a controvérsia e desqualificando interlocutores com perspectivas diferentes sobre os assuntos – e da quebra do diálogo real, ancorado no debate e na abertura para visões não convergentes. Isto explicaria, em parte, o discurso do ódio, os ataques à democracia, a intolerância e as posturas regressivas que desconsideram a alteridade e tratam as diferenças como abusões a serem combatidos.

Em tal contexto marcado pela complexidade, surge o desafio de se pensar a natureza dos vínculos existentes entre comunicação e educação, campos marcados, ao mesmo tempo, por preocupações próprias e relações siamesas. De certa forma, é o que se busca nos entrelaçamentos teóricos, de pesquisa e ação no âmbito educomunicativo, para o qual este livro intenta trazer mais uma contribuição. A obra está organizada em três grandes tópicos e vinte artigos, apresentando um conjunto de reflexões trazidas por pesquisadores de várias partes do Brasil envolvidos em experiências inovadoras no tangente à interface comunicativa-educativa.

Cabe lembrar que este é o sexto volume da série Comunicação e Educação, publicada graças à colaboração entre a Editus, Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) de Ilhéus, Bahia, e o Grupo de

Pesquisa (GP) Comunicação e Educação da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), e que disponibiliza aos leitores um substantivo conjunto de textos de inestimável importância para aprofundar o campo de conhecimento que envolve as relações encimadas no título da série.

Os organizadores do volume agradecem ao esforço editorial da Editus, ao envolvimento do grupo de pesquisa e à generosa colaboração dos autores.

Referência:

ABRANCHES, S. *A era do Imprevisto*. São Paulo: Cia das Letras, 2017.

Adilson Citelli³
Ana Luisa Zaniboni Gomes⁴

Comitê científico:

Adilson Citelli (USP)
Ana Luisa Zaniboni Gomes (USP)
Beatriz Becker (UFRJ)
Betânia Maria Vilas Bôas Barreto (UESC)
Cláudia Maria Moraes Bredarioli (ESPM)
Cláudio Márcio Magalhães (UNA)
Diva Souza Silva (UFU)
Eliana Nagamini (FATEC/CEETEPS)
Rose Mara Pinheiro (UFMS)
Sarai Patrícia Schmidt (FEEVALE)
Sérgio Luiz Alves da Rocha (IFRJ)
Vera Regina Schmitz (UFRGS)

3 Professor titular junto ao Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e pesquisador 1B do CNPq.

4 Pesquisadora do MECOM – Mediações Educomunicativas (CNPq) e vice-coordenadora do grupo de pesquisa Comunicação e Educação da Intercom.